



CRÔNICA

J. RIGOLÃO
jose@rigolon.com.br

SURPREENDENTE

Não tenho dúvidas que a data de 15 de março de 2015 será lembrada como o surpreendente dia em que houve a maior manifestação política ocorrida em nosso País, do Oiapoque ao Chuí. Milhões de brasileiros, em cerca de 160 cidades, saíram às ruas protestando contra a corrupção e insistindo no bordão "fora Dilma". Parecemos que o povo brasileiro, hoje amadurecido, acordou de um pesadelo, e revê no horizonte político as cores verde e amarela, mostrando dever patriótico. Em minha opinião, trabalhadores de todas as classes estão profundamente revoltados com nossos governantes, sobretudo com o Poder Executivo.

Lembremos de que o PT governa o Brasil há doze anos. Nos primeiros seis anos do governo Lula, o mundo viveu uma era de expansão, em um mar de rosas e céu de brigadeiro. Depois as coisas mudaram e o governo não enxergou. O PT nos prometeu – e até hoje não cumpriu – as mudanças radicais, dentre elas, as necessárias reformas política e tributária. Ouvimos agora novas promessas, dando conta que a presidente Dilma está prestes a assinar uma lei que considera crime hediondo a corrupção. Mas se o PT está há doze anos no poder, quatro deles com Dilma na presidência, essa lei já não deve ter sido assinada há tempos? Agora o ministro da Justiça aparece na TV, em uma manifestação tardia, em nome da presidência, para anunciar supostas medidas e amenizar as injustificáveis falhas ocorridas no passado.

Em uma tentativa de desvendar o futuro, imagino o que a presidente Dilma terá de enfrentar nos próximos 45

TROVAS

J. R. do Amaral Lincoln

Não sei se o governo cai,
sei que o Brasil vai pra trás
e que onde a Chefona vai,
as vrias vão sempre atrás.

"Fora, Dilma!"... Esta bandeira,
não ergo por rebeldia:
quero a gente brasileira
mostrando a cidadania!

Só besteiras despejava
na orelha do outro, que ardia...
Qual mais burro: o que falava
ou aquele que o ouvia?

NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL - Na segunda-feira (16), a presidente Dilma Rousseff sancionou o projeto de lei que institui o novo Código de Processo Civil Brasileiro (CPC). Segundo consta, esse projeto de lei deverá sofrer alguns vetos. Uma vez sancionado e transformado em lei, o novo CPC somente terá vigência dentro de um ano após a sua publicação, pois haverá um período de "Vacatio Legis". O atual CPC (Código Buzaid, promulgado em 1973) ainda continuará em vigor, com integral eficácia e aplicabilidade, até março de 2016, quando, então, deixará de viger.

integração

EXPEDIENTE

Integração - o Jornal do Povo Ltda. - Rua São Bento, 785 - Tatuí/SP - CNPJ: 45.941.838/0001-18

DIRETOR RESPONSÁVEL:

José Reiner Fernandes (Reg. no MTB. Nº 12095)

DIRETOR PROPRIETÁRIO

René José Rodrigues Fernandes

REDATORA:

Aideé Maria Rodrigues Fernandes (Reg. no MTB. Nº 16035)

ESPORTES:

Rogério Lisboa (Reg. no MTB. Nº 24727)

FUNDADORES em 24/12/1975:

José Reiner Fernandes, Francisco José Lang Fernandes de Oliveira, Roberto Antonio Carlessi, Ivan Gonçalves e Acassil José de Oliveira Camargo

Propriedade da Empresa Jornalística Integração

- o Jornal do Povo Ltda.

Rua São Bento, 785- Tatuí/SP - CEP: 18270-820

Tiragem: 3.500 exemplares

e-mail: integracao@assetra.com.br

Impresso: A Tribuna de Piracicaba - Rua Luiz Gama, 144 - Piracicaba/SP

UM MARCO NA DEMOCRACIA BRASILEIRA

Nina Leoni

Foi um marco na democracia brasileira as passeatas dos dias 13 e 15 de março, respectivamente. O aspecto positivo foi dar voz à insatisfação de todas as classes, credos e tendências. Uma catarse coletiva. Assisti o material que colocaram no Facebook e ora foi divertido e ora foi chocante ver as imagens e ouvir as coisas que foram ditas, algumas opiniões absurdas e repetidas de sempre. A Av. Paulista foi palco para todo tipo de gente neste último domingo. Rendeu muito material nas redes sociais.

Muito engracado ver o rapaz confessando que estava na passeata de domingo ali em frente ao Masp, só para ver pessoas bonitas e as meninas lindas. As motivações foram as mais diversas. E gente dando opinião sem saber exatamente o que estava falando, misturando alhos com bugalhos? Isso é triste, pois incide minha politização aos dezessete anos. Hoje parece que a maioria acredita em tudo que vê e ouve na televisão, ou lê nos jornais e revistas tendenciosos. Um pé atrás sempre vai muito bem.

Para variar, as faixas convocando para uma nova ditadura. Um moço de 23 anos disse que é a favor da ditadura. Aí surge uma senhora de 65 anos do nada, exigindo ser entrevistada e indignada de perguntarem a um "menino que não sabe o que foi a ditadura". Em outra filmagem, um indivíduo que foi agente do DOPS, surgiu com sua carantonha horrível. Sabem o que estava escrito no cartaz dele? "Omissão da Verdade". Que doido! Quem mais omite a verdade até hoje? Por que as famílias dos presos políticos morrem sem saber o que aconteceu com os corpos dos seus parentes, filhos e netos? Onde estão enterrados?

E ainda teve a coragem de dizer: "não metralhei porque

não tive oportunidade"... Esse sujeito era conhecido pelos apelidos de "Carlinhos Metralha" ou "Carteira Preta", pois, transitava entre os corredores da sede dos órgãos de repressão, portando uma metralhadora. Hoje é delegado aposentado. Trabalhou de 1970 a 1977, sob as ordens do temido Sérgio Paranhos Fleury. É acusado de envolvimento em inúmeros casos de desaparecimento e torturas de presos políticos.

Aí aparece uma mulher no vídeo e fala ao repórter: "esse cara é mais louco do que a Dilma"! Ótima oportunidade para quem esteve lá ter visto um torturador insano ao vivo, para aprender a andar com a faixa certa na próxima passeata. Tortura nunca mais! Pelo menos a Dilma é louca por democracia, em que pese toda a rejeição reinante em relação ao governo dela, atingido pela crise internacional da qual estivemos blindados até agora. De outro lado está a oposição no seu papel legítimo de tirar vantagens das dificuldades da situação. Democracia dá trabalho. Quem não vê?

Em matéria de faixas com conteúdo político sério, o protesto de sexta-feira mostrou organização e as palavras de ordem estavam pertinentes com o momento atual. Também não estão contentes com a crise internacional que mudou o rumo do governo Dilma e até o da China, do nada economia que mais cresce no mundo. Nós, de todas as classes sociais queremos a mesma coisa: a Reforma Política com Constituinte. E eles adentraram na noite alta, debaixo de chuva torrencial, em condições adversas. A adversidade acompanha os mais injustiçados. O povo sofrido deu o seu recado. Caminhando na noite, na tempestade e na escuridão.

TUDO TEM QUE VIRAR ÓLEO

* Marcos Cintra

O governo brasileiro está implantando um forte ajuste fiscal, visando recuperar o orçamento federal, fragilizado em decorrência de uma política econômica muito mal estruturada, além de ter sido mal conduzida, pela "contabilidade criativa", que camuflou desequilíbrios nas contas públicas a partir de 2008. O preço a ser pago pelos desmandos e irresponsabilidades será uma forte recessão neste e no próximo ano, pelo menos. A economia irá retroceder e o desemprego se expandir devido, em parte, aos cortes em programas sociais e também nos investimentos. Porém, o ajuste recessivo contempla um componente de grande peso que é o aumento da carga de impostos através da tributação maior sobre combustíveis, concessão de crédito, veículos, cosméticos, importações e faturamento das empresas.

O peso do aumento de tributos é bastante expressivo no programa que está sendo conduzido pelo ministro da Fazenda Joaquim Levy. É uma opção preocupante porque o País já sofre fortes limitações em sua capacidade competitiva, decorrente de impostos sobre as empresas e a classe média vive sufocada com tanto tributo. O ônus adicional irá impor custo crescente para o setor produtivo e limitar a renda disponível dos brasileiros.

A atual elevação de impostos deve jogar a já alta carga tributária de 36% do PIB ainda mais para cima este ano. Sustentar a atual máquina administrativa composta por 24 ministérios e quinze secretarias e órgãos com status de ministérios custa caro e o governo não se atreve a reduzir esse número absurdo porque precisa acomodar políticos do seu partido e aliados de outras legendas. Lamentavelmente, a busca desenfreada pelo poder se sobrepõe à eficiência no

uso do dinheiro público. A necessidade de recursos para recuperar a credibilidade das contas públicas e para manter o gigantesco estado brasileiro deve jogar a carga de impostos para cima nos próximos anos. Porém, tudo pode ficar pior porque o Ministério do Planejamento está elaborando estudos para criar novos tributos. Seriam impostos sobre herança e grandes fortunas e também sobre lucros e dividendos. Segundo o governo, a ideia é tributar mais as pessoas de alta renda. A questão imediata que surge é: se esses tributos forem criados haverá a extinção dos impostos que penalizam a classe média ou eles serão apenas mais alguns que servirão para manter a ineficiente e mordorenta máquina do governo?

A elevação de tributos não deve ficar apenas na rodada recente para recuperar as contas públicas nem nos que visam onerar a "alta renda". Há um movimento tentando recrutar a CPMF, que teria uma alíquota de 0,15% sobre a movimentação financeira para gerar receitas de R\$ 30 bilhões. Existem especulações sobre a fixação de alíquota que permitiria atingir até R\$ 65 bilhões. Seu retorno recebe o apoio de parlamentares, de governadores e, aparentemente, até do ministro Joaquim Levy, que se manifestou de forma favorável ao tributo no passado.

Mais uma vez, o País está diante da necessidade de recursos. Não se fala na "inadiável" reforma tributária há pelos menos quatro anos, o governo se agiganta com toda sua ineficiência e a credibilidade fiscal foi destruída. A saída, como sempre, é aumentar imposto, já que, comodiz a música "Desordem", da banda Titãs, "tudo tem que virar óleo pra por na máquina do Estado". É mais fácil e cômodo, mas até quando?

* Marcos Cintra é doutor em Economia pela Universidade de Harvard (EUA) e professor titular de Economia na FGV (Fundação Getúlio Vargas). Foi deputado federal (1999-2003) e autor do projeto do Imposto Único.



DESTAQUES

ECONÔMICOS

Antônio José Martins
e-mail: martins_32@terra.com.br

JUROS – Em quarta alta consecutiva, Banco Central eleva Selic para 12,75%. Nossocomentário: Mercado especula que alta não deverá parar neste patamar.

TROCA DE PRODUTO COM DEFEITO – Decreto deverá reduzir espera pela troca para 12 dias. Atualmente, a espera é de 30 dias.

INFLAÇÃO – Analistas já prevêem inflação a 8%. Nossocomentário: Previsão otimista!!!

5,8 MILHÕES DE FAMÍLIAS PERDEM BENEFÍCIO – Do Programa de Tarifa Social de Baixa Renda, que oferece subsídios na conta de luz.

GOVERNO ESTUDA ACRÍLICO DE IMPOSTO – Para taxar as doações e heranças. Nossocomentário: Quem estiver pensando no assunto, pense logo.

JANOT PEDE A INVESTIGAÇÃO DE 54 POLÍTICOS – Motivo: corrupção na Petrobras. Nossocomentário: Será mesmo que todos estão isentos de culpa, como apregoam?

JUIZ DO CASO EIKE – Entre a passaporte ao TRF. Nossocomentário: Será que essa medida impediria eventual fuga? Nossas fronteiras são muitas! O ex-diretor do BB que o diga...

Por hoje é só, tenham todos uma ótima semana.

REJEIÇÃO, SINAL VERMELHO DOS GOVERNANTES

* GAUDENCIO TORQUATO

Rejeição a um governante é coisa séria. Quando um gestor público tem contra ele uma avaliação muito negativa urge providenciar a ambulância para entrar na UTI da imagem. A rejeição é um fenômeno que deve ser convenientemente analisado. Trata-se de uma predisposição negativa que a pessoa adquire e conserva em relação a determinados perfis. Para compreendê-la melhor, há de se verificar a intensidade da rejeição dentro da consciência dos conjuntos sociais. O que diz a ciência? O processo de conscientização leva em consideração um estado de vigília do córtex cerebral, comandado pelo centro regulador da base do cérebro e, ainda, a presença de um conjunto de lembranças (engramas) ligadas à sensibilidade e integradas à imagem do nosso corpo (imagem do EU), e lembranças perpetuamente evocadas por nossas sensações atuais. Ou seja, a equação aceitação/rejeição se fundamenta na reação emotiva de interesse/desinteresse, simpatia/antipatia. Pavlov se referia a isso como reflexo de orientação.

A rejeição tem uma intensidade que varia de político para político. Em São Paulo, Paulo Maluf, que sempre teve altos índices de rejeição, administra o fenômeno com muito esforço. Mudou comportamentos e atitudes. Tornou-se menos arrogante e mais humilde, apesar de não ter conseguido alterar a entonação de voz anasalada. Os escândalos recentes e o lamaçal em que se afunda a esfera política também contribuem para atenuar a predisposição negativa contra ele, a ponto de purgar seus pecados pelos pecados mortais dos outros.

Certos perfis, mesmo não integrantes de grandes famílias políticas, passam a imagem de antipatia, seja pela arrogância pessoal, seja pelo estilo de fazer política ou pelo oportunismo que suas candidaturas sugerem. Em quase todas as regiões, há altos índices de rejeição a atores políticos, comprovando a tese de que os grupos sociais, incluindo as margens, agem com racionalidade e estão cada vez mais críticos.

Analisemos, agora, a rejeição à presidente Dilma. Primeira mulher a assumir o mais alto cargo da Nação, agregava as condições de grande popularidade. Surgiu no embalo do prestígio do carismático Luiz Inácio e do conceito de ética na política, que o PT encarnava há duas décadas. O escopo de assepsia representado pelo lulopetismo desmoronou com os escândalos do mensalão e, agora, do petrolão. O Partido dos Trabalhadores, a partir do seu guia, Luiz Inácio, se empenhou nos últimos anos em separar o Brasil em duas bandas: os pobres e os ricos, as elites brancas e os grupos periféricos, nós e eles. O apartheid acirra os ânimos das duas alas. As classes médias tradicionais repudiam o escopo petista cravado no conflito de classes. No último pleito, o país se dividiu ao meio. E a animosidade se expande na esteira da crise econômica e da crise política.

A presidente Dilma possuía um perfil de gestora técnica. Que foi desconstruído. As obras do PAC empacaram. Sua índole a afasta da esfera política. Demonstra não ter apetite para conviver com a real política brasileira. A nova classe média, formada por grupamentos que ascenderam à classe C, saíndo da D, teme perder o que ganhou com a política de redistribuição do lulodilmismo. A carestia ameaça esvaziar o bolso das margens. E o inflamado discurso do PT e da CUT – sob a paixão de campos e experimentos devastados pelo MST – é lenha grande na fogueira. No domingo passado, as ruas se encheram de milhares de pessoas com forte expressão de contrariedade. Não apenas agrupa os habitantes do centro da pirâmide. Conta com uma parcela (menor) das margens. E a razão é: a equação BO+BA+CO+CA (Bolso cheio, Barriga satisfeita, Coração agradecido, Cabeça decidida a apoiar o governante) já não se sustenta. E assim se explica a rejeição à presidente.

Pode ser revertida? Sim, a depender da economia, que é a locomotiva que puxa a vontade (boa, má) do povo. Nesse momento, não adianta tergiversar. O discurso da presidente no Dia Internacional da Mulher foi um desastre. Urge trabalhar com a verdade. Mudar posturas. A rejeição à Dilma começa com mudança de atitudes. Dela mesma.

Gaudêncio Torquato, jornalista, professor titular da USP é consultor político e de comunicação. Twitter: @gaudtorquato